



O HÁBITO E OS LAÇOS FRACOS COMO DESAFIO NO ENSINO EMANCIPADOR A DISTÂNCIA

Paulo H. S. M. Serrano³⁴ – paulohsms@gmail.com

UFPB – Departamento de Mídias Digitais

Rossana Maria S. M. Serrano³⁵ – rossanasoutomaior@yahoo.com.br

UFPB – Departamento de Farmácia

Resumo: Este artigo traz a experiência da dispersão de estudantes em um ambiente virtual de aprendizagem e a sua relação com os hábitos de navegação na internet e com as informações provenientes de redes sociais que condicionam os laços fracos com o objetivo de compreender esse fenômeno dentro de uma proposta de ensino emancipadora. No fenômeno em questão a plataforma moodle não foi utilizada como um espaço interacional e mediado pelo docente, tendo os estudantes adotado o facebook como instrumento de interação. O texto analisa essa questão com base na concepção de Duhigg (2012) sobre o hábito, Barabási (2009), sobre laços fracos e Freire(2005) sobre educação emancipadora, discutindo o papel docente no fomento ao uso dos diversos meios disponíveis na rede.

Palavras-chave: Educação a Distância, Emancipação, Laços Fracos;

Abstract: This article presents the experience of the dispersion of students in a virtual learning environment and this relationship with the internet browsing habits and with information from social networks determined by weak ties in order to understand this phenomenon within emancipatory

34 Mestre em Letras - Linguística Aplicada na Universidade Federal de Minas Gerais

35 Doutora em Educação na Universidade Federal da Paraíba



education. At the phenomenon in question the Moodle platform was not used as a space of interaction mediated by the teacher, the students adopted Facebook as a tool for interaction. The text analyzes this issue based on the ideas of Duhigg (2012) on the habit, Barabási (2009) on weak ties and Freire (2005) on emancipatory education, discussing the role of teachers in promoting the use of various media available in the network

Keywords: Distance Education, Emancipation, Weak Ties;

1 INTRODUÇÃO

Os hábitos de navegação na Web estão em constante reconfiguração, são condicionados por atualizações dos softwares de navegação, novos sites ou novas funcionalidades dos sistemas que já existem. A novidade, se aceita, logo é reproduzida e pode se tornar uma prática comum associada à uma rotina de navegação. Charles Duhigg em seu livro: "O Poder do Hábito" (2012) define o hábito como "as escolhas que todos fazemos deliberadamente em algum momento, e nas quais paramos de pensar depois mas continuamos fazendo, normalmente todo dia."

O ato de verificar a caixa de entrada do e-mail ou as atualizações dos amigos nas redes sociais ou mesmo o portal de notícias proferido constitui uma rotina criada a partir de um anseio por distração que vai necessariamente ser correspondida, se esses ambientes forem verificados. O sujeito sabe que sempre haverá novidades nesses ambientes e basta um clique para ser recompensado. "Recompensa é um conceito operacional para descrever o valor positivo que uma criatura atribui a um objeto, um ato comportamental, ou um estado físico interno." (SHULTZ, DAYAN, MONTAGUE. 1997 p.1593)³⁶.

O experiência de ensino-aprendizagem em um ambiente virtual está constantemente sujeita à interferência e interrupção provocada pelo hábito de usar aquela mesma ferramenta para outros propósitos. Duhigg (2012) chama de "deixa" o elemento que vai provocar um anseio por uma recompensa, no ensino a distância o estudante utiliza o computador, o mesmo dispositivo que lhe provoca anseio por entretenimento. Um dos grandes desafios para o processo de ensino-aprendizagem a distância é contornar esse desejo intenso por entretenimento e despertar no estudante mais interesse, mais recompensa ou valor positivo aos ambientes de aprendizagem que utilizam.

36 Tradução livre para: "Reward" is an operational concept for describing the positive value that a creature ascribes to an object, a behavioral act, or an internal physical state.



Este estudo constitui-se uma análise da experiência de ensino a distância com uso do Moodle como suporte às aulas presenciais de estudantes do primeiro período da disciplina Tecnologias de Informação e Comunicação I (TICs) do curso de Comunicação em Mídias Digitais da Universidade Federal da Paraíba.

Na disciplina, eram indicados os textos e criados fóruns de discussão para fomentar a interação entre os estudantes no ambiente além das discussões presenciais, as interações no ambiente virtual não eram problematizadas pelo professor através de questões direcionadas e não faziam parte do processo de avaliação da disciplina, sendo um espaço de livre interação.³⁷

Observou-se na maioria dos fóruns a completa ausência de interações entre os estudantes, não havia nenhum comentário para a discussão proposta. Quando questionados em sala de aula sobre os motivos da não utilização do AVA os estudantes responderam que estavam utilizando o grupo privado da turma na rede social Facebook para discutir o conteúdo da disciplina.

O AVA utilizado pelo professor, que objetivava promover a conexão entre os estudantes tem um mecanismo de participação semelhante aos grupos do Facebook. Ambos os sistemas proporcionam a interação, sendo, portanto, concorrentes na realização de um mesmo objetivo. Nesse sentido, as estratégias metodológicas utilizadas pelo professor serão discutidas a fim de estabelecer os valores, a atenção e os usos dados à essas redes pelos estudantes.

2 O POTENCIAL DO FACEBOOK

As diferentes formas de conexão ou comunicação entre os indivíduos condicionadas pelos avanços das tecnologias de informação e comunicação possibilitam a troca de dados e mensagens por pessoas de dispersas em todo o planeta. A rede mundial de computadores é decisiva nesse processo de fortalecimento do que Mark Granovetter (1973) chama de rede de "Laços Fracos". Essas redes aglomerariam indivíduos com identidades distintas, experiências e formações diferentes, são conexões feitas com pessoas de diferentes grupos de interesses.

Os vínculos fracos desempenham papel crucial em nossa capacidade de nos comunicar com o mundo exterior. Frequentemente nossos amigos íntimos podem nos oferecer pouca ajuda quando se trata de arranjar um emprego. Eles transitam pelas mesmas rodas que nós e inevitavelmente estão expostos às mesmas informações. Para obter novas informações temos que ativar nossos vínculos fracos. (BARABÁSI, 2009, p.38)

37 Estes fóruns, mesmo sendo de livre interação, contavam com a supervisão do professor.



Esses vínculos constituem importantes fontes de informações novas ou desconhecidas pelo sujeito, as redes sociais condicionam as conexões entre diferentes grupos de indivíduos e são meios de conexão característicos da comunicação entre laços fracos. Grande parte dos amigos adicionados no Facebook não são de um círculo próximo do indivíduo e compartilham informações incomuns variadas que podem ou não ser valiosas.

O grupo de estudantes de uma mesma disciplina em uma sala de aula é, no geral, heterogêneo e diversificado, possuem os seus *clusters*³⁸ ou aglomerados e os laços fracos entre esses grupos, possuindo potencial para a troca de informações diversas, mas ainda assim restrita, uma vez que se limita a um grupo que compõe os estudantes da disciplina.

A rede social Facebook amplia potencialmente a quantidade de laços fracos de acordo com o limite que o indivíduo pode alcançar através das pessoas que conhece, dos amigos dos amigos ou dos diferentes grupos que ingressa. A quantidade de informação inédita que o usuário dessa rede tem acesso é muito maior do que no Moodle, embora sejam conteúdos aleatórios ou mais lúdicos.

[...] a rede era um fenômeno localizado; hoje, torna-se a base de uma nova compreensão da sociedade contemporânea. E quando o termo era usado para se referir a grupos sociais, tinha um sentido pejorativo, designando organizações de caráter oculto, cujos membros obtêm vantagens ilícitas sem passar pelas provas de mérito ordinárias. Já em seu sentido técnico, rede designava alguma forma de distribuição de um fluxo por canais fixos, usualmente quando o fluxo é produzido centralmente e apropriado localmente, como na distribuição de energia e água. O termo rede, portanto, ou não tinha aplicação social ou, se o tinha, indicava o contrário de público: organizações secretas e opostas ao bem comum. Assim, o conceito era usado de modo diametralmente oposto ao sentido atual, onde a rede aparece como exemplo do que é aberto, rompe hierarquias, transgride fronteiras, impede o segredo e pode ser produzido e apropriado por qualquer um. (VAZ, 2001, p.49)

Desse modo o Facebook se apresenta como uma fonte de informação muito mais diversificada do que qualquer disciplina acadêmica um dia conseguirá ser. "Concorrência" desleal que deverá ser levada em consideração pelas estratégias metodológicas dos professores.

Educadores devem aprender a como se tornar guias através de uma riqueza de informações sempre disponíveis, ao invés de prender-se de qualquer modo à

38 O termo tem origem na computação e é usado para definir os grupos ou aglomerados de conexões que funcionam em conjunto e de algum modo podem ser vistos como um único sistema.



noções ultrapassadas do professor controlando que informação e conhecimento os estudantes devem ou não encontrar. (BRUNS, 2007)³⁹

3 DESAFIOS DO ENSINO A DISTÂNCIA EMANCIPADOR

É importante perceber o professor como um mediador do conhecimento, e o estudante como um sujeito de sua própria aprendizagem. Gadotti, (2005) afirma que o papel do professor passa a ser o de organizador do conhecimento e da aprendizagem, "... um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador, e, sobretudo, um organizador da aprendizagem". No tocante ao aluno o autor aponta para um protagonismo onde estes devem ser: "sujeitos ativos da aprendizagem, autodisciplinados, motivados" um sujeito que "precisa construir e reconstruir conhecimento a partir do que faz."

De fato, na medida em que a dicotomia professor/aluno ainda existe, ela pode ser vista como mais um exemplo do modelo de produção desatualizado e baseado em escassez: [...] A dicotomia decorre num momento em que a informação e o conhecimento disponível aos professores, de fato, constituíam um recurso escasso, mas (devido em grande parte ao surgimento da Internet como uma importante fonte de informação) esse tempo passou. (BRUNS, 2007)⁴⁰

O uso de uma tecnologia, de um recurso interacional, não basta em si mesmo, mas deve buscar ser resultado do "que se deseja", "se observa" e "se produz" a partir do uso dessa tecnologia, na medida em esteja atrelado a uma visão metodologicamente fundamentada de educação. Neste sentido podemos ter modelos de ensino a distancia com uso da mais moderna tecnologia em software, que apenas promove um ensino reprodutor, e não produtor, do conhecimento, um ensino definido por Freire (2005) como "bancário". Ou seja, o uso de tecnologias, por si só, não será a condição para demandar a transformação e a produção do conhecimento.

O uso dos AVAs dentro de um modelo pedagógico que incentiva o protagonismo do discente constitui-se uma ferramenta instrucional de efetivo impacto no processo de comunicação e de trocas, na capacidade de interações e de apropriação emancipadora do conhecimento.

39 Tradução livre para: "Educators must learn to become guides through a wealth of always already available information, rather than hanging on in any way to long-outdated notions of the teacher as controlling what information and knowledge students do or do not encounter."

40 Tradução livre para: "Indeed, to the extent that a teacher/learner dichotomy still exists, it can be seen as a further example of the outdated scarcity-based production model: [...] the dichotomy stems from a time when the information and knowledge available from teachers did indeed constitute a scarce resource, but (due in no small part to the emergence of the Internet as a major information source) that time has passed."



A concepção emancipadora do conhecimento de base freiriana aponta o “conhecer” como um ato de “ler o mundo e transformá-lo” (FREIRE, 2005). A esta visão de emancipação se soma a visão de Castells, (1999) sobre o uso da tecnologia:

[...] a difusão da tecnologia amplifica seu poder de forma infinita, à medida que os usuários apropriam-se dela e a redefinem. As novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa. Dessa forma, os usuários podem assumir o controle da tecnologia [...]. Segue uma relação muito próxima entre os processos sociais de criação e manipulação de símbolos (a cultura da sociedade) e a capacidade de produzir e distribuir bens e serviços (as forças produtivas). Pela primeira vez na história a mente humana é uma força direta de produção, não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo. (CASTELLS, 1999, p. 51).

Essa emancipação e apropriação são necessárias para que os sujeitos não se subordinem aos limites impostos pela própria tecnologia e seu uso.

Gadotti (2005, p.46) nos aponta algumas premissas sobre o “como conhecer”, que passam pelo desejo de conhecer e pelo envolvimento com o aprendido.

O conhecimento serve primeiramente para nos conhecer melhor, a nós mesmos e todas as nossas circunstâncias, conhecer o mundo. Serve para adquirirmos as habilidades e as competências do mundo do trabalho, serve para tomar parte nas decisões da vida em geral, social, política, econômica. Serve para compreender o passado e projetar o futuro. Finalmente, serve para nos comunicar, para comunicar o que conhecemos, para conhecer melhor o que já conhecemos e para continuar aprendendo.

Assim os ambientes interacionais passam a ser uma condição para uma melhor comunicação na medida da capacidade dos sujeitos em desejarem o conhecimento, transformarem o conhecimento e de criarem novos conhecimentos.

É necessário que o docente esteja preparado para compreender o processo educativo onde seu aluno esta inserido, o contexto psicossocial que envolve o processo de aprendizagem, entendendo como tal o hábito do uso da rede, a motivação para o uso da tecnologia, a motivação para a aprendizagem, e compreender o seu próprio limite como mediador. O docente não pode se sentir dono do processo, na medida em que a partir de suas provocações e problematizações o processo de aprendizagem toma rumos sobre os quais ele não tem o absoluto controle, principalmente se seu objetivo pretende ser emancipador.



Neste sentido constitui-se um desafio da educação a distância problematizar o conhecimento apresentado ao discente de forma a possibilitar a formação do pensamento crítico e a autonomia do pensamento, bem como possibilitar ao discente fazer a crítica a sua realidade e a aplicabilidade daquele conhecimento, rompendo com a lógica da educação bancária e demandando uma educação emancipadora.

O outro desafio está na otimização do uso das redes interacionais como forma de potencializar o processo de aprendizagem. Habitualmente os estudantes estabelecem suas próprias redes de comunicação, o uso de egroups, facebook, orkut e outros tem se constituído numa constante, e em muitos casos o docente não faz parte desse universo interacional, porém ele existe e é uma ferramenta pouco utilizada no processo educacional, com o agravante de não ser institucionalmente reconhecida.

A teoria dos laços fracos apresentada pelo trabalho do Barabási (2009) corrobora a potencialidade desses meios como fonte de informação inédita e variada. O hábito é facilmente observável e mensurável, de acordo com a ComScore (<http://www.comscore.com>) sites de redes sociais os brasileiros passam em média 27 horas por mês na internet 36% desse tempo em redes sociais, sendo o Facebook o líder dessa categoria com 44 milhões de visitantes únicos em dezembro de 2012.⁴¹

Assim, para a adoção de uma determinada ferramenta interacional, como suporte ao processo de aprendizagem, o docente precisa respeitar as escolhas das ferramentas que se tornam hábito entre os discentes, para assim poder potencializar o conteúdo criativo do participante, ou criar mecanismos que motivem e recompensem o uso da ferramenta que indica.

O caso em estudo aponta para a emancipação dos discentes na medida em que criam seus próprios espaços de interação sobre a disciplina; bem como, a necessidade do docente mediador criar estratégias que possibilitem seu papel de orientador da aprendizagem, seja utilizando a ferramenta adotada pelos discentes, seja qualificando os fóruns com questões direcionadas e/ou recompensando a participação nos mesmos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel do professor como educador dentro de um ambiente virtual de aprendizagem não pode desconsiderar a variedade e dinâmica da tecnologia de mediação e da interação entre os estudantes.

41 Fonte: <http://idgnow.uol.com.br/internet/2013/03/07/internautas-brasileiros-passam-27-horas-online-por-mes-afirma-comscore/>



Sobretudo com relação ao hábito e à potencialidade das informações que surgem através dos laços fracos ou de outros canais de informação, comunicação e entretenimento que utilizam a internet, o mesmo meio do ambiente virtual adotado institucionalmente para o ensino a distância.

O grande desafio é como trazer esses canais ao processo mediado e regulado onde o professor possa atuar como um problematizador da aprendizagem e não ignorá-los, na medida que ele é uma realidade do hábito de comunicação do estudante. Desconsiderá-lo poderá significar a exclusão da mediação de um processo que pode ser extremamente rico.

5 REFERÊNCIAS

BARABÁSI, Albert-László. *Linked: A nova ciência dos networks* – 2009 Editora Leopardo

BRUNS, Axel. *Beyond Difference: Reconfiguring Education for the User-Led Age* - 2007. disponível em: <<http://produsage.org/files/Beyond%20Difference%20%28ICE%203%202007%29.pdf> > acesso em 08/05/2013

CASTELLS, Manuel. *Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DUHIGG, Charles. *O poder do hábito: Por que fazemos o que fazemos na vida e nos negócios* – 2012. Editora Objetiva. Rio de Janeiro

FREIRE, Paulo, *Pedagogia do Oprimido*. 45a Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GRANOVETTER, M. (1973). The strength of weak ties. In: *American Journal of Sociology*, University Chicago Press, Chicago, v. 78, Issue 6, p.1360-1380. Disponível em: <<http://sociology.stanford.edu/people/mgranovetter/documents/granstrengthweakties.pdf> > acesso: 08/05/2013

GADOTTI, Moacir, Informação, Conhecimento e Sociedade em Rede: Que potencialidades? *Educação, Sociedade & Culturas*, nº 23, 2005, 43-57, disponível em <http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC23/23-Moacir.pdf>, acessado em 13 de abril de 2013

SHULTZ, Wolfram. DAYAN. Peter. MONTAGUE. P. Read. *A Neural Substrate of Prediction and Reward* – 1997. disponível em: < <http://www-psych.stanford.edu/~knutson/bad/schultz97.pdf> > acesso em: 09/05/2013

VAZ, Paulo. *Mediação e tecnologia* – 2001. In: Revista FAMECOS No. 16